

SER Social

COMUNICAÇÕES E
POLÍTICAS SOCIAIS

Brasília (DF), v. 27, nº 56, de janeiro a julho de 2025

Comédia, crítica social e educação popular em rede

Comedy, social criticism and popular education on-line
Comedia, crítica social y educación popular en *internet*

Entrevistado: Paulo Martins Faleiro dos Santos¹

Entrevistadora: Kênia Augusta Figueiredo²

<https://orcid.org/0000-0002-1401-8215>

Nesta entrevista, Paulo Faleiro, criador do perfil “Assistente Social Irônico” nas redes sociais, fala sobre o papel da comédia como estratégia de conscientização e mobilização política em sua interface com o Serviço Social. Por meio da ótica do humor e da ironia, o perfil inova ao tratar de temas complexos, como a política social e a ética profissional, além dos desafios diários dos assistentes sociais. “A comédia também liberta”, afirma ele.

A página virtual surgiu em 2021 e se concentrava em memes focados no universo da categoria profissional, mas evoluiu tanto que

1 Assistente social. Coordenador de habitação social. Mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4512705347621977>>. E-mail: <paulofaleirosantos@gmail.com>.

2 Assistente social. Doutora em Comunicação. Mestre em Serviço Social e Políticas Sociais. Atualmente, é professora na graduação e na pós-graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília (UnB). É também pesquisadora de temas relacionados à comunicação em políticas sociais. Coordena o Grupo de Estudo, Pesquisa e Extensão sobre Comunicação Pública, Assistência Social e Serviço Social (Compass), da UnB.

seu criador tomou o protagonismo dos vídeos e das imagens, nos quais encena desafios do cotidiano da profissão e faz humor em relação à conjuntura política e social do brasileiro, sem renunciar ao seu caráter de crítica e denúncia. De lá para cá, o perfil acumulou 24 mil seguidores no Instagram e 17 mil seguidores no TikTok.

Seu criador, Paulo Faleiro, é assistente social, mestre em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), tendo desenvolvido sua carreira na área de políticas habitacionais e de saneamento ambiental. O crescente sucesso do perfil Assistente Social Irônico o levou ao desafio de encarar os palcos, onde realiza shows de stand-up comedy centrados nos desafios impostos ao assistente social no Brasil.

Em entrevista realizada por telefone em 11 de novembro de 2024, a professora Kênia Augusta Figueiredo explora com Paulo Faleiro a inspiração por trás da criação da página e o poder da comédia na construção de uma comunicação simultaneamente engajada e acessível. Ao longo da conversa, Paulo Faleiro reflete sobre a importância da educação popular e de referências como Paulo Freire, além de destacar que o Assistente Social Irônico não é apenas um espaço de humor, mas também um instrumento de denúncia social e de compromisso com o Projeto Ético-Político do Serviço Social. Para ele, o humor não só aproxima o público, mas também desafia preconceitos e amplia a visibilidade de questões centrais da profissão. Entre os desafios da polarização política e da desinformação, Paulo Faleiro indica como a comédia pode ser uma aliada na luta por direitos sociais, de maneira a promover um diálogo crítico e igualmente acessível para assistentes sociais e para o público em geral.

Paulo, você afirma que o perfil Assistente Social Irônico une política social, conjuntura e política de forma bem-humorada. Você acredita que a comédia é um terreno privilegiado para a construção de ações de visibilidade e luta política? De onde veio a inspiração para a união desses elementos?

A comédia possibilita uma grande projeção para o interior dos vários setores da sociedade. Então, qualquer tema que a gente aborda pelo viés do humor tem uma grande visibilidade, porque as pessoas

escutam, uma vez que a comédia traz um fator objetivo que a comunicação requer, que os comunicadores procuram: ela tem a capacidade de fazer as pessoas pararem para escutar. E, a partir daí, é possível a gente falar do que a gente quiser. Ou seja, é uma estratégia para que a gente possa avançar em temas mais profundos. Então, a partir desse primeiro momento, que é objetivo, quando a gente chama a atenção das pessoas, a gente pode avançar para temas mais complexos, como o próprio debate sobre a política, sobre a luta e a resistência popular, sobre as próprias ações de visibilidade do Serviço Social e das diversas políticas públicas. Então, o humor é sempre utilizado como estratégia. Foi uma inspiração que acabou acontecendo na prática. A partir do *Assistente Social Irônico*, fui fazendo as postagens, utilizando a comédia nas falas sobre o Serviço Social, de maneira que fui percebendo que é possível articular humor e ações de visibilidade e de luta política. Costumo dizer que o comunicador tem que ser um experimentador, tem que ir experimentando as coisas e, a partir dessa experimentação, fui aprendendo isso fazendo na prática. Tenho também uma experiência com o trabalho de educação popular em movimentos de moradia. A educação popular também me ajudou muito a pensar nessa dimensão de articulação da comédia como um instrumento de educação.

Como surgiram as ideias e os objetivos do *Assistente Social Irônico* nas redes sociais?

Surgiram de uma brincadeira. Foi um improviso, porque eu construí uma página para falar sobre o Serviço Social e fazer memes sobre política. Só que eu fui olhando aquilo, fui vendo como as pessoas se conectavam com a comédia e com a forma de humor dos memes. Assim, entendi que eu poderia ampliar isso de alguma forma e percebi que poderia, na verdade, estudar e utilizar a comédia como linguagem. Com isso, fui aprimorando e entendendo mais sobre improviso e *stand-up*. Fui me aperfeiçoando, estudando o assunto, não mais focando só nos memes, não só no riso, mas procurando entender o humor para além do riso, buscando compreender a comédia como uma linguagem. E, hoje, o trabalho é muito nesse sentido, de entender a comédia como linguagem e instrumento de educação popular. Mas, inicialmente, foi realmente ao acaso, foi algo para diversão, que acabou virando algo sério e hoje faz parte das reflexões da minha vida, tanto políticas quanto

profissionais. Assim, a partir do *Assistente Social Irônico*, entendi que é possível utilizar o humor tanto na minha prática como assistente social quanto também na luta política. Eu hoje enxergo a comédia como uma linguagem.

Como se dá seu processo de criação de conteúdo?

Minha produção de conteúdo está muito ligada ao cenário político e à conjuntura. Então, eu percebo o que está sendo falado tanto na conjuntura política quanto nas redes sociais, para fazer reflexões sobre isso de forma crítica e política. Além disso, também faço a parte humorística falando sobre os “perrengues” da categoria dos assistentes sociais, fazendo brincadeiras em relação às nossas vidas enquanto profissionais. Minhas estratégias se dão tanto no sentido de perceber a conjuntura política e trazer reflexões sobre ela politicamente quanto também de olhar para a nossa prática profissional cotidiana, refletindo sobre ela também e fazendo humor. E, aí, se a gente for analisar, a estratégia para a minha produção de conteúdo é a comédia, porque não utilizo *marketing* digital, uma vez que não entendo nada disso das redes sociais, como tráfego pago, por exemplo. Eu entendo realmente é de humor e, pela comédia, consigo inclusive crescer na página e fazer hoje *stand-up* em vários espaços de clubes. Então, hoje tenho trabalho tanto na *internet* quanto nos espaços físicos também. De fato, a comédia é a grande estratégia do *Assistente Social Irônico*.

As respostas dos seguidores que são estudantes ou profissionais do Serviço Social são diferentes daquelas que vêm dos seguidores que têm outras ocupações? Como tem sido a interação para além do universo do Serviço Social?

A conexão com a página que vem de um público que é assistente social é diferente daquela que vem do público que atua profissionalmente em outras áreas. As pessoas que atuam na nossa categoria profissional já chegam à página do *Assistente Social Irônico* compreendendo o que é o Serviço Social. E, quando é estudante, mesmo que esteja nos primeiros períodos e não tenha tanta compreensão do que é o Serviço

Social ainda, mas já tem uma ideia do que seja, então chega à página com o objetivo tanto de consumir o humor que a página tem quanto de refletir sobre as questões que são relacionadas à profissão e às políticas públicas. Então, já chega à página com um olhar mais crítico e mais politizado e com uma compreensão do que é o Serviço Social. Mas as pessoas que não são da profissão e que chegam à página têm um olhar diferente, de questionamento sobre o que é o Serviço Social. Chegam por causa do humor, acabam se conectando por causa das piadas, mas chegam sem saber o que é o Serviço Social e, a partir do trabalho da página do *Assistente Social Irônico* e dos *stand-ups*, vão compreendendo melhor o que é a profissão. Então, são públicos totalmente diferentes, mas acho isso interessante, porque esse é o grande legado da comédia, que é a capacidade de se conectar e de dialogar com públicos tão diferentes, tanto o público que é assistente social, o estudante de Serviço Social, específico da profissão, mas também o público que vai além. Então, o humor abre o leque da comunicação e consegue se conectar com públicos totalmente diferentes. Acho que isso é um grande legado e me tem feito aprender muito.

Você frequentemente afirma que o perfil está alinhado com o Projeto Ético-Político do Serviço Social. Pelos retornos dos seguidores, você considera que a junção do humor com o Serviço Social crítico tem colaborado para o fortalecimento do Projeto Ético-Político da profissão?

Na minha visão, como eu estudo e compreendo o tema da comédia, acredito que o humor precisa ter uma direção política. Não faço comédia na direção da opressão ou da exclusão ou do preconceito. Faço um humor voltado para outra direção, que é a da libertação, da luta política, da defesa dos direitos sociais e da luta contra o preconceito. Então, quando falo da relação entre a comédia e o Projeto Ético-Político do Serviço Social, estou falando da direção política que a minha comédia tem. E é na direção da defesa dos valores e princípios que a categoria dos assistentes sociais defende. E tem sido algo bem interessante, porque, a partir dessa linguagem do humor, é possível falar do Projeto Ético-Político tanto para quem é assistente social quanto para quem não é, possibilitando sua projeção em defesa da categoria para

todos, ainda que não façam parte da nossa profissão. Então, acho que é uma maravilhosa contribuição de comunicação.

Em algumas publicações, você faz humor a partir dos desafios cotidianos do exercício profissional do assistente social, como, por exemplo, das adversidades relacionadas às visitas domiciliares. Rir de questões assim pode ser relaxante para a audiência, mas não deixa de ser uma forma de denúncia sobre as precárias condições de trabalho dos assistentes sociais, sobre a falta de capacidade estatal e a ausência de organização do Estado, bem como sobre a própria realidade brasileira, com suas expressões referentes à questão social. Concorda com a minha leitura?

O humor não é só uma linguagem ou uma forma de comunicação, porque é, sobretudo, uma visão de mundo, não é? E, como visão de mundo, é algo que pode falar da nossa realidade e denunciar coisas. Como instrumento de denúncia, a comédia é maravilhosa. O Chaplin fazia isso muito bem, não é? Então, eu também experimento muito isso: a ideia de denunciar por meio do riso, de falar por intermédio da comédia, porque não é uma forma de esconder a dor, mas sim de falar da dor. Inclusive, é uma forma de projetar a existência dessa dor de uma forma a atingir mais públicos, para que possamos saber como combatê-la. Então, eu levo isso muito forte comigo também, sabe? O humor não só como uma linguagem, não só como um elemento de educação popular, mas também como um instrumento de denúncia das opressões.

Em tempos de polarização política e desinformação, como esses elementos interferem em um trabalho midiático aberto em defesa dos direitos sociais?

Pensando nessa questão da desinformação, acho que um dos grandes desafios que nós temos na contemporaneidade chama-se *fake news*. A gente hoje percebe que as *fake news* são, inclusive, utilizadas como instrumento de disputa de poder político. A gente sabe que alguns setores conservadores e reacionários se utilizam muito das *fake news* e da desinformação para tentar chegar ao poder. Acho que um dos

desafios que nós temos hoje na área da comunicação e, pensando na comunicação em geral, é como combater as *fake news*. Penso que, nesse sentido, o humor vem como elemento para combatê-las. Como tudo é contraditório, há quem utilize o humor para perpetuar as *fake news*, mas a gente tem que utilizar a linguagem cômica para o enfrentamento delas. E isso é um elemento muito complexo. Todas as *fake news*, as informações mentirosas, percorrem muito rápido o *WhatsApp* e as redes sociais, de modo que, em nível nacional, as pessoas consomem isso com muita rapidez, em questão de minutos, dias, sei lá. Isso é um dificultador para o combate, para quem está fazendo um trabalho na perspectiva da educação, porque esse tipo de coisa acaba, a todo momento, impactando os resultados de quem, como eu, trabalha na dimensão da educação popular, reflexiva, crítica. É um desafio e a gente tem que aprender a combater as *fake news*. Acho que o humor é um instrumento que a gente pode aperfeiçoar e aprender a utilizar nesse enfrentamento.

Fala para nós como o seu trabalho é realizado na perspectiva da educação popular.

Paulo Freire é uma das grandes inspirações para a página do *Assistente Social Irônico* e também para a minha experiência junto ao movimento por moradia, que tem base na educação popular. Estive muito tempo trabalhando com esse público. E é assim que Paulo Freire tem um valor central na minha vida profissional, de modo que levo isso também para o *Assistente Social Irônico*, que não é só uma página no Instagram e nem somente meus shows de *stand-up*, mas também as reuniões nas quais utilizo instrumentos cômicos, os convites, os eventos, ou seja, todo e qualquer espaço de informação política que utilizo, sempre com o improviso e a utilização do humor. Então, o *Assistente Social Irônico* é também uma concepção de linguagem, que utilizo como estratégia de luta e de formação política. É, ainda, um método de intervir na realidade com o instrumento da comunicação, uma vez que estou a todo momento me utilizando da educação popular e do humor com uma direção política no sentido da libertação. É como o Paulo Freire falava: “a educação liberta”. E, aí, eu pego a frase dele e utilizo com base no meu trabalho: “a comédia também liberta”.